

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.156

Sábado, 2 de Setembro de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º e Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Talha — Lisboa e Telex 5339-0

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

APERFEIÇOANDO SEMPRE!

O II CONGRESSO MARÍTIMO

inicia-se hoje em Leixões e deve terminar no próximo dia 9 do corrente

Este ano que vai decorrendo, promove-se o segundo congresso marítimo nacional, que, pelas teses que recebemos e que vão discutidas, revestirá grande importância para a organização operária e portuária portuguesa.

Hoje tem o seu início em Leixões o 2.º Congresso Marítimo Nacional, que, pelas teses que recebemos e que vão discutidas, revestirá grande importância para a organização operária e portuária portuguesa.

São interessantes e merecem muita atenção do congresso as teses a discutir que tem os seguintes títulos: *Projectos de Estatutos da Federação Marítima*, *A abolição dos trabalhos de empenhados na indústria marítima*, *Sindicalização das mulheres e protecção aos menores na indústria marítima*, *Necessidade de relações sindicais nacionais e internacionais*, *As balisagens e dragagens dos rios e canais do porto de Lisboa*, *A federação para com as cooperativas e instituições de escolas e bibliotecas nos sindicatos marítimos*.

Esta última tese é muito interessante e dela extraímos os seguintes períodos que representam verdades amargas:

«As despesas gerais do Estado estão computadas, para o ano económico de 1922 e 1923, em 572.478.833\$72, de cuja verba será retirada a quantia de 8.871.881\$67 para instrução primária e industrial, aquela que aos produtores, aos seus filhos, é acessível. Contudo, como na despesa geral do Estado estão incluídas verbas tendentes a beneficiar algumas classes úteis à existência social, vem-nos fazer o necessário abatimento dessas, tornando bem patente, pelos números, as verbas que se esgotam em coisas inúteis ao prejuízo da instrução.

Para a Presidência da República, Governo, Congresso e outros encargos, estão as despesas orçadas em 5.066.496\$12; quasi tanto como o que se gasta com a instrução em todo o país, que é, como todos conhecemos, deficiente sobre todos os aspectos. Mas, há mais edificante.

Com a segurança pública, (polícia e guarda republicana) Ministério do Interior, gastam-se

28.868.580\$32; mais 19.996.968\$65, que com a instrução primária e industrial em todo o país. Com a marinha, gasta-se, 28.934.914\$00, mais 20.063.032\$33, do que com a instrução primária e industrial em todo o país. Simplificando: gastam-se com corporações que simplesmente servem para deprimir o povo, perseguir e oprimir-lo, não incluindo obras, edificações, automóveis, gasolina, etc., a quantia de 106.737.284\$54, dez vezes mais do que com a instrução primária e industrial, material didático, etc., necessários a um povo de mais de 7 milhões, porque não incluímos os naturais das colónias.

Julgamos ter exuberantemente provado que o poder não tem atenção pela instrução e educação do povo que administra, antes tem o desejo de que ele se conserve ignorante e obscuro, para não conhecer as extorsões de que infamemente vem sendo vítima.

Este importante congresso durará de hoje até ao dia 9. Há tempo de sobra para discutir todas as teses com a ponderação que elas exigem. Por vezes, mal entendidos, pequenos nada, insignificâncias provocam longas discussões estérteis. Compete aos congressistas saber evitar esses pregalhos, dando uma lição de ordem e moderação às próprias classes capitalistas que não raras vezes caem nesses erros que apontam aos operários.

Estamos convencidos de que do 2.º Congresso Marítimo Nacional muito de proveitoso, não só para aquela classe como para a organização em geral, vai sair.

U. S. O.

Conselho de Delegados

Até hora adiantada discutiu-se o relatório do último movimento, tendo o conselho aprovado por unanimidade o apelo que a Comissão Administrativa faz hoje ao operariado, no sentido de este concorrer para saldar os compromissos feitos com o último movimento.

U. S. O.

Hoje das 17 horas em diante encontra-se nesta sede, Calçada do Combro, 38-A-2.º, quem receba as quantias destinadas a amortizar a dívida proveniente do último movimento.

A U. S. O. de Lisboa terá de amanhã para o futuro a vida que o operariado de Lisboa lhe queira dar, isto é, continuará na sua missão, sem embaraços, ou ficará para muito tempo com os passos totlhidos enquanto tiver uma dívida que ogra por mil e quinhentos oculos. Da atitude do operariado depende a futura acção da U. S. O.

Pró-U. S. O.

Federação Marítima

Este organismo convida todas as classes marítimas a ocorrerem ao apelo da U. S. O. a fim de que a organização local possa saldar os compromissos emergentes do último movimento em prol do tipo único de pão.

S. U. C. Civil

Este organismo tendo em atenção o apelo da U. S. O. de Lisboa, por virtude das dificuldades providas do último movimento pró-abolição dos dois tipos de pão, exorta o operariado da construção civil a contribuir com o seu escudo por uma só vez, para acudir à precária situação do organismo central, para que mais desastrosamente possa desempenhar a sua missão, a bem da organização local em geral. Que todos os operários conscientes saibam cumprir com o seu dever de solidariedade.

S. U. Mobiliário

O secretariado deste organismo, embora tendo em conta que os operários seus componentes têm sido bastante sobrecarregados não só pela duração da sua greve como por diversas contribuições, apela contudo para a nunciada consciência dos seus componentes, convidando-os a secundar a medida das suas posses o apelo feito pela U. S. O. de Lisboa.

Manufactores de Calçado de Lisboa

Convidam-se todos os componentes da classe a cumprir hoje, sábado, na medida do possível, o apelo da U. S. O., para que esta União possa desempenhar-se da sua missão.

Encontra-se um delegado na sede, rua do Arco do Marquês do Alegrete, n.º 30-2.

Alexandre Vieira e Alfredo Marques

Reúne hoje, às 20 horas, a comissão pro-Alexandre Vieira e Alfredo Marques a fim de tratar dum assunto importante.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Ora ai está... Sabem os leitores porque motivo os camaradas Manuel Ribeiro e Mário Domingues estão discutindo com interesse o recente livro, *O Deserto*? Advinhem qual o objectivo que ambos pretendem atingir? Pois dizemo-lo desde já, antecipadamente: é para provar que o sr. Emilio Couto, que *O Deserto* mandou vir a Lisboa, é pessoa de muito saber, muito honrada e modesta. Assim, o quiz provar *O Deserto*, transcendendo parte da carta de Manuel Ribeiro que *A Batalha* publicou...

A histórica viagem... Esta viagem do presidente da república é um assunto inextinguível. Não há mãos a medir. Ele são os dinheiros gastos, a missão intelectual, a detenção de toda a ilustre gente em pleno Tejo, e agora é do Porto que se faz a viagem de má vontade — que chegou a Las Palmas avariado, suado, estafado, incapaz de seguir até ao Brasil.

Que mais, que mais nos dará esta histórica viagem?

Vai baratear a vida...

O governo, pelo ministro da Agricultura, põe os comerciantes à vontade

Promete ainda ontem no Senado o ministro da Guerra, respondendo a um senador que ingenuamente se insurgiu contra a criminosa ganância dos patriotas comerciantes, que o governo ia tomar energias medidas, metendo na ordem os rapinantes.

Se as palavras satisfizessem as necessidades do povo — como deixaram satisfeito o aludido senador — mais não era necessário para que todos, velhos e crianças, rebentassem de fartura; mas, como as falsas afirmações dos ministros são a negação mais absoluta da verdade dos factos, o país ficou sabendo que, não olhar a sério, morrerá de fome muito em breve.

As medidas do governo apareceram factas.

O ministro da Agricultura, o mesmo que se fez autor da actual lei cerealífera, ordenou a sucursal da Manutenção Militar, situada no antigo Largo de S. Roque e que é conhecida por Comissão Geral dos Abastecimentos, de que de hoje em diante não deve ser aplicada a lei 922, tanto como for o contra os assombradores e especuladores da miséria pública.

Deu origem à suspensão parcial da referida lei, segundo somos informados, o facto dos agentes de fiscalização dos Abastecimentos, que são funcionários do ministério da Agricultura, terem autuado vários comerciantes *nestes* que vendiam azeite com acidez superior a 5 graus, misturado com vários óleos lubrificantes, e mais outros géneros deteriorados, sendo por esse *inocente* facto presos e submetidos aos tribunais competentes, que nem sempre os premiavam conforme o determinava a aludida lei.

Sz o sr. Ernesto Navarro, de parceria com o sr. Lima Bastos e outros, não fosse negociante e novo rico não ousaria alterar uma lei que apenas ao parlamento compelia alterar ou revogar.

A independência do Brasil

De como a existência de dois povos não se pode resumir numa opereta mal ensaiada

2.500 CONTOS POR UM PONTAPÉ

O presidente duma república sita, quasi exclusivamente no Terreiro do Paço e nichos adjacentes vai a bordo do vapor *Porto* a qualquer altura do oceano em demanda do Rio, a fim de representar Portugal nas festas promovidas no Brasil sob o pretexto do centenário da sua independência.

As festas do Brasil tem um significado, uma expressão, pelo facto que recordam, pelo sentimento a que a comemoração obedece.

Bom ou mau — esse sentimento é sincero. Mau ou bom o significado das festas — ele existe, tem uma raiz mergulhada num passado que data de há cem anos.

O Brasil que festeja a independência não é o Brasil — povo que vive sob a injustiça e no sofrimento. É o Brasil oficial, que da injustiça vive, do patriotismo lucra e que com a independência triunfa.

É o Brasil dos enfiados, dos amantes da gloria militar e do predomínio financeiro que com o Narcoiso se revém no Rio de Janeiro, cidade construída para o vicio e não para a vida moral, para o luxo que estonteia e avilta e não para a estética que tem beleza e dá virtude; que se revém na expulsão do Portugal oficial e na erecção duma patria nova que eles, os Narcoisos de hoje, não conquistaram e gosam; não edificaram e lhes pertence.

Por mais radicais e diferentes que sejam as aspirações, as fisionomias, as ideias e os sentimentos que governaram o Portugal decrépito, grotesco e ignorante de há cem anos dos que se governam e o desgovernam hoje, existe uma solidariedade e um orgulho identicos ás das famílias aristocráticas com os seus antepassados em que elas sempre acabam por descobrir inteligência, virtude e nobreza capazes de ofuscar toda a nobreza, toda a virtude, toda a inteligência pelo mudo simultaneamente condensadas e dispersas.

Assim o Portugal de há cem anos ecoa no Terreiro do Paço a sua voz moribunda, mas ainda assim bastante forte para ser escutada pelos que no Terreiro do Paço ouvem, de preferência a vida de hoje para a qual eles encurdeceram não tanto pela espessura das paredes como pela sua espessa inteligência.

E essa voz moribunda que sai simbolicamente dum corpo de velho decrépito, de fisionomia queimada por uma historica permanencia do mar, semi-oculta por umas barbas magestosas e compridas, diz o seguinte, enfiado a parte:

«O Brasil era um filho de Portugal — e um filho ingrato. Nasceu do meu engenho, do meu sacrificio, do meu sangue, do meu dinheiro, da minha vida.

«Era um corpo morto que eu animei. A vida que lhe circulei nas veias era a minha vida, o movimento que ele descreveu através a historia fui eu quem lho impulsionei.

O Brasil — nada fez — se o Brasil criou e ao ultrapassar a adolescencia se entregou que ameaçador, violente repentino.

mente no ar o bico da bota expulsa-me, fez-me recolher à minha miséria piohosa, com o trazeiro dolorido por efeitos do pontapé. Um pontapé tam extenso como a sua ingratitude que me fez recuar para esta ponta exótica da Europa.

«Desse pontapé ficou-me no trazeiro uma ferida, uma brecha, que o meu coração nunca mais deixou sarar, nunca mais deixou fechar».

Pois é o Portugal oficial que pensa o que nestas palavras está sintetizado que vai ao Brasil gastar 2.500 contos para assistir a comemoração dum pontapé. Leva o trazeiro dolorido — mas disfarça, e tem cinismo para dissipar o pigarro da garganta e entoar a romanza sentimental!

Portugal e o Brasil são dois povos irmãos, unidos pela mesma lingua, etc., etc.

O convite do Brasil oficial é hipocrita. Ele nunca quiz diferenciar o Portugal de hoje, do Portugal de há cem anos. Para ele é ainda o mesmo a quem um pontapé fez encolher as garas e recolher à sua insignificancia e à sua precaria torpe. Considera-o sempre o explorador, que viveu do que lhe furtou e que abandonou o trabalho por a riqueza do Brasil garantir vida de mania, luxo e despreocupação.

No entanto há sempre um certo orgulho em presenciar um vencido, em estender a mão ao que foi humilhado, em receber como hospede quem lá predominou como senhor absoluto.

E lá estão os nativistas com os seus insultos, as suas cabriolas, as suas insolências a dar razão ao que escrevemos. É claro que esta explendida comédia é paga por um povo a quem o sr. Ernesto Navarro com um decreto lhe negou o pão e a quem um parlamento negou o direito à vida, apodando-o de desordem.

A comédia é cara. Custou 2.500 contos e é mal representada. Recordemos o facto de Portugal Constitucional estar metido no Tejo a bordo do «Porto» durante 43 horas, sem mexer, sem tugar, comendo e bebendo ao «om piffo duma fanfara».

É bom não esquecer que o «Porto» marcha para o Brasil com uma lentidão só comparável à das caravelas de Pedro Álvares Cabral.

A bordo vai o presidente da república e não o dr. António José de Almeida que pretendia apelar para a dinamite, por considerar inútil o anelo à caridade dos ricos; não vai o dr. Jaime Cortesão que escreveu «Adão e Eva» não vai o dr. João Barros com o seu monólculo afectado à travessia do Atlântico; não vai o professor Francisco António Correia... não vai ninguém. Em vez de individualidades — fórmulas. Em vez de homens — figuras decorativas.

Vão vários indivíduos a descobrir o Brasil com a certeza de que por muito lenta que seja a marcha do «Porto» lá há-de chegar — e desembarcar.

É uma companhia de opereta toda

masculina quasi todas as suas figuras escrituradas a 12 contos.

Levam música, como nas operetas, diplomacia, como nas operetas, representação militar como nas operetas...

Tudo como nas operetas...

E uma companhia de opereta, com um entrecio de opereta — não pode representar um povo. O povo português não é uma opereta, é uma realidade — e uma realidade trágica e atroz.

E uma opereta por muito faustosa que ela seja existe sempre inverosimilhança e ridículo.

E ssas festas do Centenario e a representação deste país nessas festas, nada tem que ver com a sinceridade de dois povos irmãos, integrados no «povo-unico» que pelo Universo luta, sofre e vive.

Cristiano LIMA

P. S. — Este artigo foi escrito dias antes de ser conhecida em Lisboa a avaria do «Porto». Não foi publicado por falta de espaço não o ter consentido.

Estavamos longe de supor que o «Porto» por aí arribar tam perto. Suponhamos que a opereta do repositório fosse a «Viuva Alegre». Enganamo-nos. Afinal era a «Gran-Duquesa de Grolstein». — C. L.

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Comissão Organizadora do 3.º Congresso Nacional Operário

Reúne hoje, pelas 21 horas, com a comparência de todos os seus componentes.

Um belo gesto

Um conflito na casa Espirito Santo

Vem ao Sindicato Unico da Construção Civil uma comissão de operários da obra do banquete Espirito Santo que nos contou, que sendo nomeado um camarada para se avistar com o dito sr. Espirito Santo formulando-lhe em nome do pessoal um aumento de salário, recebeu esse camarada a resposta negativa com a represália de o sr. Espirito Santo ter dado ordem ao encarregado do despedir. Em sinal de protesto o pessoal abandonou o trabalho, apelando este organismo para a consciencia de todos os operários conscientes a qui não se prestem a atiração tam belo e digno gesto, nem servir de joguete áquele que tam indeferente se mostrou para com aqueles que o enriquecem.

3.º CONGRESSO NACIONAL OPERÁRIO

TESE SOBRE EDUCAÇÃO

O regime social burguês, simbolizado no Estado, é por sua natureza e definição, incongruente, incompetente, incapaz, e, até, contradiatório, de realizar uma obra de Educação, no que esta palavra tem de mais elevada significação.

A sociedade burguesa é uma ambiência deletéria, e as suas instituições, outros tantos factores de desmoralização, de vicio e de crime: — propriedade individual, comércio, família mercantil e prostituição, caridade-reclame, lotarias, preconceitismo religioso, intelectuismo parasitário, moral *contra-natura*, justiça policesca e peitada, imprensa venal, politiquismo imbecil e vidente, autoritarismo, parlamentarismo, militarismo, diplomacia, alcoolismo, sifilismo, etc.

O regime social burguês, na sua esguieira mental, incapaz de compreender a visão do futuro, no seu embrutecimento pela permanente embriaguez do uso e abuso do poder, da violência, no seu desmoronamento, pela devassidão dos costumes em que a mentira, a delação e o achincalhamento dos caracteres, são virtude e valor, — é a *estúpida artificial* onde se cultivam e adquirem a sua máxima virulência, todos os micróbios patogénicos e de contaminação pestifera, que matam ou, pelo menos, inutilizam todos e quaisquer elementos de vida que se esforçam por efectivar uma saudável, bela, verdadeira e social Educação.

Os poderes constituídos do Estado nunca foram o elemento mais idóneo, quer por indole, quer por falta de saber e de competência, para o progresso, nomeadamente para o desenvolvimento da Educação, porquanto: pela sua natureza reaccionária, conservadora e misonicista, inclinam-se voluntariamente para a cristalização dos conhecimentos, para o enquistamento dos cérebros, e para fazer um ensino tenden-

cioso e uma educação autoritária, baseada na violencia, na coacção externa.

A estúpida imprevidência, a politica de acaso, de violencia e de escândalos, o burocratismo imbecil e mau, corrompidos pelas mentiras religiosas e patrióticas, — características do Estado — são elementos assaz fortes e em demasiado embrutecedores para estrangular a vida, atrofiam as energias, matam as iniciativas em matéria de Educação. É por isso que todos os progressos da Escola e da Escola têm sido devidos à iniciativa particular dos grandes educadores, inovadores das doutrinas, e de métodos pedagógicos, primeiramente, de votados professores do ensino livre, — emancipados das grilhetas do burocratismo estatal.

A escola oficial, congregacionista ou laica, ergue-se sistematicamente contra a tendência científica, mantem e explora, em seu proveito politico, a inércia mental que cria e alimenta a mentira oficial e officiosa, as ficções politico-metalisadas das soberanias, o preconceito, as crenças, a religiosidade, e, portanto, é ainda e será sempre o *transbordo* incapaz de desenvolver e intensificar as energias, de emancipar as inteligências, de sanear e sublimar os sentimentos e de criar a paixão, o amor, a áncia frenética pelo Belo, Verdade, Bem e Justiça.

A escola oficial, escravizada ao Estado e a sua contabilidade somática, é rutilante, roneira, segue a rotina; nunca inova, nunca melhora por si!

A engenhagem do Estado abafa, atrofia ou adúltera todas as boas vontades e por isso o elemento oficial resente-se e caracteriza-se, na sua generalidade, por uma apatia e neofobismo que torna a escola oficial um centro sem vida, maguinal, onde se repetem todos os anos as mesmíssimas coisas, as mesmas frases e palavras sem o menor progresso ou tendência de aperfeiçoamento.

O Estado e o elemento oficial escravizados, só depois de muito guerrear, contrariar, difamar, perseguir, e, até,

encusar e fusilar (Ferrer) é que aceitam ou adoptam as doutrinas e os métodos dos grandes amigos da Humanidade, dos grandes renovadores da educação humana! E, não raras vezes, fingem apenas acatá-las, e adoptá-las, para, jesuiticamente, melhor poderem adúlterá-las e estragar-lhes os benefícios da sua doutrina ou pratica.

A influência retrógrada e reaccionária do Estado e do seu burocratismo bestializador é tal, que, a semelhança do escravo vilipendiado que não usa, nem sabe usar da alforria que lhe concederam, — mesmo, quando, por acaso é inadvertidamente só promulgadas disposições de harmonia com os novos princípios e doutrinas pedagógicas, elas sofrem tenaz resistência, senão ostensiva, pelo menos passiva, e não são aplicadas.

O elemento oficial encontra-se de tal modo obcecado pela rotina que não sabe ou não pode compreender e acompanhar quaisquer modificações no sentido duma nova escola, duma nova educação. É o que prova a campanha reaccionária a favor do restabelecimento do ensino religioso e militarista, dos seminários (a pretexto de criar missionários coloniais) do culto de Nuno Álvares, das *letras da Páscua*, das notas por meio de números, dos exames, dos compêndios dos velhos programas e da *tríade* exclusiva de ler, escrever e contar; e os protestos contra a coeducação, os métodos activos, os programas-teses, a 5.ª feira lectiva, os trabalhos manuais, os jogos e a ginstica natural, os recreios com assistência dos professores, as excursões, o ensino primário superior, os cursos de aperfeiçoamento, os cursos livres, a admissão às escolas por meio de provas de habilitação sem diplomas doutros cursos, etc., etc.

A burguesia não cuida, com sinceridade e isenção, do problema educativo, nem pensa com honestidade, na instrução do povo. Ela mente e representa

uma ignóbil comédia de jesuita solerte, quando se apodera e trata desta questão.

Como a escola congregacionista, confessional e religiosa, — a escola burguesa e laica é igualmente dogmática, reaccionária, autoritária; visa exclusivamente manter a «ignorancia pública», defender-se dos ataques certos do progresso e da evolução perfeitiva das sociedades, e criar nas gerações futuras o necessário psiquismo mórbido, gerador desse servilismo, dessa preguiça mental, dessa incapacidade de observação e de critica, dessa atrofia de sentimentos elevados e generosos, desse desrespeito pela dignidade própria e alheia, que matam a individualidade e o carácter, e castram para todo o sempre qualquer ideologia redentora, bela e justa!

A burguesia, medrando dentro da estrutura do seu característico desdémbo económico, sentimentalista, mental e social, despreza clinicamente, *de facto*, a Educação; e, no temor duma «maior luz», ela odia no seu íntimo o ensino, a Escola e o Professor, a Educação, e, até, a mais simples e rudimentar instrução; e, por todos os meios, ela procura cercar-lhes os mais íntimos elementos de vida, de progresso e exaltação.

O ministério, pomposamente e chamado da «Instrução Pública», criado por lei, não tem, afinal, como os factos mostram, outro objectivo: manter na mais desesperada miséria a Escola e o Professor, na mais crassa ignorancia o Povo, e saborear rancorosa e vingativamente esse sofrimento, diminuindo-lhes proporcionalmente as receitas, escapoteando-lhes as magras verbas organciaes, ignobilmente regateadas e pagas sempre tarde e a más horas. E enquanto o Estado é sovina e avaro no que respeita à Educação do Povo, é prodígio e mãos rotas para as instituições improdutivas, como militarismo, cultos, diplomacia, segurança (?), pública, etc., etc.

O famigerado ministério da «Ingru-

rança pública», com todas as suas secretarias, repartições e comissões de reformas, reformatórias, de retalhios e de bombas burocráticas, faliu por completo.

Ele tem sido o coio da firma de irresponsabilidade limitada Frei Tomás & Tartufo que tudo vexa e a qual todos humilamente, de chapéu na mão, solicitam favores que são direitos; ele tem sido o vasão de polípticos ignorantes e ócos que o acaso da virgula atirou para as cadeiras do poder, dando-lhes uma pasta de ministro; ele tem sido o modelo, não da Pedagogia, mas da Pedagogia de monólculo, do culto da incompetência, da incoerência, cujo espelho e simbolo é a imundície já proverbial dos seus corredores e repartições e o seu último «Boletim» com o celeberrimo artigo sobre «piohios» e que dá Platão e o Rei Herodes comendo vivo na idade-média!

Ele é bem o tipo do burocratismo oficial burguês. Nêle não há unidade de vistas, um critério firme, uma orientação pedagogica; os problemas, as questões da Educação e do Ensino não são tratadas de frente, nem estudadas com seriedade, ponderação e probidade e intencionalmente elevadas; não há a coragem de assumir responsabilidades resolvendo os assuntos como eles requerem e exigem, mas, sim, ladeando-os, adliando-os, deixando-os esquecer... apodrecer. É o pobre professor, submisso pela necessidade do ridicularizado mestre-escola, lá sofre resignadamente todos os vexames, e injustiças de quem é incapaz tanto duma má palavra como duma boa acção».

No regime burguês criam-se escolas, mas não se abrem; e quando se abrem são para fins incofessáveis e nunca para satisfação duma das mais importantes necessidades sociais.

O Estado, indifferente e imprevidente aos interesses da criança e contrário à educação do povo — cria escolas para ar-

ranjar lugares onde empregar compadres, amigos e afilhados, sem a necessaria selecção, nem cuidado; e coloca, sem critério, nem consciencia na gerencia e nos corpos docentes dos estabelecimentos de Educação as maiores nulidades ensinantes e educadoras que o politiquismo e o reaccionarismo (padres, militares, beatos, etc.), fizeram medrar e, que, à mingua de saber e de méritos vão por essas escolas fora desenvolver e semear a estúpida intriga do cacique ou do matóide vaidoso, a brutal violencia das casernas, ou o imbecil fanatismo das sacristias, que os notabilizam.

São exemplos típicos: haver sido nomeado para professor duma escola, quem pretendia ser apenas continuado; as nomeações que se fizeram para as escolas primárias superiores e infantis e faculdades de Letras do Porto e Lisboa; os padres e beatos acharem-se dirigindo internatos e escolas; o facto de militares e professores de latim serem directores de escolas industriais, etc., etc.

Há professores que ensinam a *mesma disciplina*, em escolas diferentes, a dois ou tres alunos, quando podiam fazer-lhe *um só curso*, numa das suas escolas, como há professores enteclopédicos que ensinam quatro e cinco disciplinas diferentes! Há escolas que têm mais professores do que alunos. Há escolas que precisam assambarcar incongruamente certos cursos e adoptar uma excessiva benevolencia muito perto duma autentica immoralidade para ter alguma frequencia...

Há escolas e cursos que abrem um mês antes do seu encerramento. Há escolas em que os professores entram dez minutos antes do termo da aula, ou em que passam *ad hoc* um problema ou um trabalho para os alunos se entreterem, enquanto eles vão almoçar.

«... lá vem» a fazer traduções, etc., etc.

O problema da Educação está no professor; mas como os professores que fazem os professores estão cividos

de todos os males e vicios do burocratismo oficial, seguindo-lhe os exemplos como o chefe burocrata, que entra para a repartição às 16 horas, é o mesmo que dirige a suprema Educação normalista, o progresso e o saneamento da Escola é um verdadeiro circulo vicioso...

São as escolas normais as orientadoras de toda a educação, porquanto elas preparam os professores do ensino secundário, primário superior e primário normal, que, por sua vez, preparam os do ensino primário geral e infantil. Pela sua desorientação, deficiência organica e científica, pela sua vida intermitente, pela falta dum Ideal pedagogico, dum Ideal social elas falliram, e áqueles que passam por elas não correspondem ao que seria para deparar; são, apesar da idade, velhos viciados pelas conveniências pessoais, eunucos de belos sentimentos e de ideias de liberdade, emancipação e de aperfeiçoamento.

A burguesia organizando e mantendo o ensino sob o regime da instrução fragmentaria (!) em que há escolas distintas, — umas, só para ela, numerosas e caras, de cultura formal, de natureza humanista classica, de linguas, com ou sem latim, de ensino meramente psitacista, de sciencia inaplicada e inaplicável, sem intuíto técnicos e educativos, outras, para os outros, raras, de simples e incompletissima instrução material, sem sciencia, nem consciencia, — conserva a seu bel-prazer o regime social da divisão de classes, dos intelectualistas e dos manuais, dos ricos e dos pobres.

E assim o analfabetismo e a falta de educação do povo é uma consequência e um produto da falsa e hipocrita intervenção do Estado na Educação.

(*) Vejam-se os artigos publicados na *Batalha* nos dias 22 de Março, 13, 19, 20 e 21 de Abril sobre «Educação Popular».

(Continua)

Trabalhadores: Lide e divulgai a NOVELA VERMELHA

GRANDE ECONOMIA

EPOCA AGRICOLA DE 1922

Seguros de Incêndio de Searas

A MUNDIAL, devido a um acordo com um poderoso grupo de companhias estrangeiras COBRA MENOS DE METADE DOS PREMIOS até aqui estabelecidos nos seguros de cereais e pastagens. ALEM DISSO, «A MUNDIAL» NADA COBRA a título de ENCARGOS ou CONTRIBUIÇÕES pois que estas são por ela integralmente pagas



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado 500.000\$00

RESERVAS: 749.051\$50,9

SEDE EM LISBOA DELEGACAO NO PORTO

Rua Garrett, 95—Tel. 4084

R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, flos e mesclas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativ

A SOCIAL



ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Publicações sociológicas

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

	Pelo cor-reio	Pelo cor-reio
Adolfo Lima. — O contrato do trabalho.....	2800 2850	
Antonelli. — A Rússia bolchevique.....	1800 1850	
Briand. — A greve geral.....	115 120	
Campos Lima. — O movimento operário em Portugal.....	1000 1010	
Carlos Rato. — A ditadura do proletariado.....	400 415	
Carniero de Moura. — A mulher e a civilização.....	2400 2410	
Celso Ferraz. — Os partidos políticos.....	1800 1810	
Charles Albert. — O amor livre.....	1800 1810	
Emílio Rossi. — Cristo nunca existiu.....	110 115	
Delaisi. — Os financeiros, os políticos e a guerra.....	610 615	
Dornela Nogueira. — Fé e Humanidade.....	505 508	
Dufour. — O socialismo e a próxima revolução (2 vol.).....	2400 2420	
Emílio Rossi. — Cristo nunca existiu.....	605 608	
Emílio Rossi. — Acção directa e acção legal.....	605 608	
Etienne. — A Rússia vermelha.....	110 115	
Fabre Ribes. — O socialismo e o conflito europeu.....	1800 1815	
Gladiador. — A questão social no Brasil.....	650 660	
G. O. N. — Proclamação constitucional.....	605 608	
Griffuelles. — A acção sindicalista.....	1400 1410	
Guilherme de Greef. — As leis da vida.....	1450 1465	
Guyard. — Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção.....	1800 1815	
Hamon. — A conferência da Paz e a sua obra.....	1800 1815	
As lições da guerra mundial.....	500 505	
O movimento operário na Grã-Bretanha.....	1450 1465	
Psicologia do militar profissional.....	1450 1465	
Psicologia do socialista-anarquista.....	1450 1465	
A Crise do Socialismo.....	110 115	
Heliodoro Salgado. — A religião da morte.....	600 610	
Henriette Roland. — A Rússia nova.....	112 115	
Jean Graver. — A Anarquia-Pis e o melos.....	580 585	
O Enigma da História.....	610 615	
O Teatral na Escola.....	620 625	
Quindvidado e a Sociedade.....	1800 1815	
José Carlos de Sousa. — A propriedade da terra.....	620 625	
Joseph J. Etter. — Unionismo Industrial.....	620 625	
José T. Lorenzo. — Maximalismo e Anarquismo.....	620 625	
Jules Guédel. — A lei dos salários.....	115 120	
Justus Ebert. — Os I. W. W. na teoria e na prática.....	1450 1470	
Krajotkine. — A Anarquia, sua filosofia e seu ideal.....	600 605	
A Grande Revolução (2 vol.).....	580 585	
A moral anarquista.....	612 615	
A Mocidade.....	620 625	
Sindicalismo e Parlamentarismo.....	602 605	
Os bastiões da guerra.....	605 610	
Em volta duma vida.....	610 615	
Lagarde. — O Socialismo.....	1400 1405	
Landauer. — A Social Democracia na Alemanha.....	605 608	
Leone. — O Socialismo.....	1400 1405	
Malatesta. — O programa socialista-anarquista revolucionário.....	610 615	
Entre camponeses.....	620 625	
No café.....	620 625	
Manuel Ribeiro. — Na linha de fogo.....	680 685	
Marx. — O Capital.....	1650 1655	
Meitner. — A verdade acerca da revolução russa.....	680 685	
Melchior Inchausti. — A monarquia jesuítica.....	680 685	
Naguel. — A caminho da união livre.....	1450 1465	
Nietzsche. — Anti-Cristo.....	1450 1465	
Genealogia da moral.....	1450 1465	
Neno Vasco. — Ao Trabalhador Rural.....	610 615	
Novicov. — A emancipação da mulher.....	2400 2420	
Pataut e Pouget. — Como faremos a revolução.....	1420 1435	
Perfeito de Carvalho. — Notas e comentários.....	630 635	
Pouget. — A Confederação Geral do Trabalho.....	1400 1405	
Prat. — A Burguesia e o Proletariado.....	605 608	
Ricardo Mella. — O princípio do fim.....	605 608	
Rossi. — A sugestão e as multiplidões.....	1070 1075	
Russuano. — A escravidão social da mulher.....	1400 1410	
Sebastião Fauro. — Doze provas da inexistência de Deus.....	650 655	
Tolstói. — Ao clero.....	1400 1405	
Trotsky. — Constituição política da república dos soviets.....	615 620	
Vandervelde. — O colectivismo e a evolução industrial.....	1450 1470	
Alcoismo ou Revolução.....	625 630	

Tabacaria A NACIONAL

— DE —

MARQUES & MARQUES

Tabacos nacionais e estrangeiros, jornais, figurinos, postais ilustrados, livros, artigos de papelaria, selos, papel de parede, artigos para fumadores

LOTÉRIAS

Águas, cervejas e refrescos

33, Rua da Mouraria, 38-A

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

Os I. W. W.

na teoria e na prática

A Textile Worker Union (União dos Trabalhadores Textis) de New Bedford (América do Norte), acaba de editar por intermédio da secção editorial de A Batalha o interessante trabalho de Justus Ebert, Os I. W. W. na teoria e na prática.

Esta obra deve merecer, a todos os militantes do movimento operário, uma especial atenção pela clara exposição que sobre a estrutura e a orientação dos I. W. W., Justus Ebert nos faz.

Os I. W. W. na teoria e na prática tem a história do movimento operário na grande república do dólar—Os cavaleiros de S. Crispim e os cavaleiros do Trabalho—As influências de Carlos Marx e da Internacional—A acção da Federação Americana e a sua estrutura reformista—Os I. W. W. e a acção directa—A guerra e os I. W. W., sua experiência—Os I. W. W. e a greve geral—A actual força dos I. W. W., sua estrutura orgânica—Como funciona a administração dos I. W. W., etc., etc.

I volume com 164 páginas

Preço \$50

Pelo correio registado 1470

Pedidos à administração de A BATALHA

A grande Baixa de Calçado

a Sapataria Social Operária

Sapatos em cal-preto para senhora

11\$00

Sapatos em verniz todos os modelos

20\$00

Botas cal-preto grandes e de 21\$00

Botas cal-preto com duas solas

22\$50

Grande saldo de botas brancas

16\$15

Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grande saldo de botas de cor para homem

23\$00

Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bom

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 6º

A Novela Vermelha

Publicação literária mensal

COLABORADORES:

Manuel Ribeiro; Mário Domingues; Aquilino Ribeiro; Nogueira de Brito; Sobral de Campos; Augusto Machado; Perfeito de Carvalho; Cristiano Lima; Bente Faria; José Benedito; Gonçalves Pereira; Julião Quintinha, e outros

Publicado:

1.ª SÉRIE

N.º 1 — Expição — por Manuel Ribeiro.

N.º 2 — Sangue Fidalgo — por Nogueira de Brito.

N.º 3 — Hugo, o pintor — por Mário Domingues.

N.º 4 — Dois tiros — por Sobral de Campos.

N.º 5 — Impossível redenção — por Augusto Machado.

N.º 6 — A Escola de Nun'Alvares — por Cristiano Lima.

N.º 7 — Anastácio José — por Mário Domingues.

N.º 8 — A Ciência Redentora — por José Benedito.

N.º 9 — O mestre geral — Jesus Peixoto.

N.º 10 — Dor Vitor — por Julião Quintinha.

2.ª SÉRIE

N.º 1 — Poder redentor — por Manuel Ribeiro.

N.º 2 — Não diz a lei — por Nogueira de Brito.

Preço por número \$25

Assinatura, série de 10 números 2\$50 pagamento adiantado.

Locais de venda

Lisboa: quiosques, tabacarias e livrarias. Porto: redacção de A Comunidade. Coimbra: Livraria Lumen, Tabacaria Pátria, e em casa de Manuel Bernardo Ferreira, terreiro da Erva Nova.

O BRIG A' BRAC DE ALCANTARA

— DE —

JOSÉ JOAQUIM NICOLAU VERISSIMO

37, Rua de Alcantara, 37º Sucursal: 111, Rua do Livramento, 113

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LISBOA

LANIFICIOS

Vendem fazendas directamente ao consumidor

MOSA & ROMÃO

COVILHÃ

Enviam-se amostras

CALÇADO

GRANDE LIQUIDAÇÃO

em todos os calçados existentes na Sapataria do Calhariz

Além dos tipos que a seguir citamos, enorme variedade saldamos, vendendo tudo com grandes abatimentos, não obstante as últimas subidas motivadas pela greve dos operários.

A 8\$80

GRANDE lote de sapatos de lona para senhora, cujo actual valor é 15\$50.

A 11\$00

GRANDE lote de sapatos em vitela preta, cujo valor actual é 16\$80, pois só o feito custa 7\$00.

A 31\$00

BOTAS de cal de cor, com 2 solas, que em toda a parte se vendem a 40\$00 e mais.

A 20\$00

BOTAS de cor e pretas cujo valor real é de 28\$00, na grande liquidação da Sapataria do Calhariz.

A 27\$50

GRANDE lote de botas em superior cal preto, cujo valor é 38\$00.

A 23\$50

UM lote de botas em cal preto, 1 sola, para homem; um dito em 2 solas.

A 19\$50

SAPATOS de pelica bronzeada, cujo valor é 36\$00.

A 17\$50

UM grande lote de sapatos em verniz preto, com salto Luis XV; outro em cal amarelo, cujo valor é 28\$00.

SANDALIAS

GRANDE SORTIMENTO com grandes diferenças de preços.

Para futebol

Vendemos todos estes calçados — 30 a 40 % mais barato —

Grande sortimento em calçados casuais, chinelos de quarto, mouriscas, calçados das mais recentes novidades para homens, senhoras e crianças, que tudo se vende com grandes diferenças de preços.

Sapataria do Calhariz

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Largo do Calhariz, 33

Biblioteca

DE